

Estudos da Tradução e Estudos da Adaptação¹

John Milton
jmilton@usp.br
Universidade de São Paulo

RESUMO: Este artigo examina as ligações entre os Estudos da Tradução e a nova disciplina de Estudos da Adaptação, que cresceu enormemente nos últimos anos, em especial, nas universidades do mundo Anglo-Saxão. Como aporte teórico, são utilizadas as distinções feitas por Julie Sanders em *Adaptation and Appropriation* (SANDERS, 2006). Conclui-se que deveria haver um maior contato entre as áreas e, mais particularmente, que os Estudos da Tradução têm muito a oferecer para os Estudos da Adaptação.

Palavras-chave: tradução; adaptação; Estudos da Tradução; Estudos da Adaptação; reescritura; literatura traduzida; interpretante.

Translation Studies and Adaptation Studies

ABSTRACT: This article examines the links between Translation Studies and the new discipline of Adaptation Studies, which has grown enormously in recent years, especially at universities in the Anglo-Saxon world. As a theoretical basis, the distinctions made by Julie Sanders in *Adaptation and Appropriation* (SANDERS, 2006) are used. It follows that there should be greater contact between the areas and, more particularly, that Translation Studies have much to offer to Adaptation Studies.

Keywords: translation; adaptation; Translation Studies; Adaptation Studies; rewriting; translated literature; interpretant.

Introdução

A terminologia na área da Adaptação é um problema significativo, com um grande número de termos, tais como, recontextualização, tradaptação, derivação, redução, simplificação, condensação, abreviação, versão especial, reformulação, ramificação, transformação, correção e revisão. Aqui usarei as distinções feitas por Julie Sanders em *Adaptation and Appropriation* (SANDERS, 2006, p. 26 *passim*), na qual ela enfatiza que uma “adaptação” geralmente conterà omissões, reescritas, talvez acréscimos, mas ainda será reconhecida como obra do autor original, em que permanece o ponto original

¹ Publicado originalmente com o título “Translation Studies and Adaptation Studies” em Translation Research Projects 2, eds. Anthony Pym and Alexander Perekrestenko, Tarragona: Intercultural Studies Group, 2009. p. 51-58. ISBN: 978-84-613-1620-5. Tradução de Luciane Rinco, revisão de Adauto Villela. Este artigo foi traduzido no âmbito do projeto de extensão *Traduções Acadêmicas 2018* do Bacharelado em Tradução da FALE-UFJF, coordenado pela Profa. Dra. Mayra Barbosa Guedes e o Prof. Dr. Adauto Villela, com apoio da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Juiz de Fora.

de enunciação. Isso é semelhante à clássica definição de “paráfrase” de Dryden (ver, por exemplo, BASSNETT-MCGUIRE, 1980, p. 60).

A definição de “apropriação” de Julie Sanders é semelhante à definição de “imitação” de Dryden (ver, por exemplo, BASSNETT-MCGUIRE, 1980, p. 60): o ponto original de enunciação pode agora ter mudado e, embora certas características do original possam permanecer, o novo texto será mais do adaptador ou do reescritor.

Adaptação em Estudos da Tradução²

Podemos distinguir várias áreas em que os textos traduzidos são, via de regra, alterados ou adaptados. Inicialmente, podemos citar a área de localização, em especial de websites, direcionando informações para a cultura do consumidor e fazendo ajustes de acordo com os gostos gerais dos consumidores dessa cultura.

A literatura infantil frequentemente contém ajustes que podem ser considerados necessários por adaptadores ou tradutores. Como exemplo, podemos citar traduções das histórias de Píppi Meialonga: “A Píppi francesa não tem permissão para ganhar um cavalo, apenas um pônei” (STOLT, 2006, p. 73); e, na tradução alemã de 1965, a seção em que Píppi encontra algumas pistolas no sótão, dispara-as para cima, depois as oferece a seus amigos, que também se divertem disparando-as, é substituída por uma Píppi moralista, que as coloca de volta no baú e declara: “*Das ist nicht für Kinder!*”, “Isto não é para crianças!” (O’SULLIVAN, 2006, p. 98).

Na área dos textos teatrais, como pode ser visto na obra de Phyllis Zatlin (2005), cada apresentação traz uma versão diferente, uma adaptação diferente do texto. Omissões ou acréscimos podem ser feitos; os atores podem mudar; os atores podem distribuir as falas de maneira diferente; pode haver mudanças de movimento, cenário e iluminação; e a relação entre elenco e público se modifica de uma apresentação para outra.

Textos publicitários podem mudar muito quando um produto é transferido de um país para outro. Situações embaraçosas podem ser evitadas, ou não. Por exemplo, o Mitsubishi 4 x 4 é vendido em vários países, como o Brasil e o Reino Unido, com o nome de Pajero; nos países de língua espanhola, chama-se Montana. Em espanhol “pajero” significa “masturbador”. As vendas do Corsa, da General Motors, foram baixas na Espanha quando inicialmente comercializado como Nova (No va = Não vai).

Textos visuais para pessoas com deficiência auditiva geralmente são adaptados para uma linguagem mais simplificada, já que a primeira língua do público-alvo será sua respectiva língua de sinais, e muitos desse público-alvo terão certa dificuldade na leitura de legendas na velocidade em que são produzidas para expectadores que não têm problemas auditivos. Informações adicionais sobre sons, que obviamente não podem ser ouvidos pelo público com deficiência auditiva, também podem ser adicionadas (ver FRANCO e SANTIAGO ARAÚJO, 2003).

A tradução de canções envolve problemas muito especiais. Andrea Kaiser (1999) descreve os problemas específicos que os tradutores de libretos de ópera enfrentam quando os traduzem para o português. Eles geralmente tentam evitar ênfase tônica nos

² Diversos trabalhos especificamente sobre Adaptação em Estudos da Tradução foram publicados nos últimos anos. Entre eles podemos encontrar os seguintes: *Theatrical Translation and Film Adaptation: A Practitioner’s Viewpoint*. Phyllis Zatlin, 2005; *The Translation of Children’s Literature: a Reader*. Ed. Gillian Lathey, 2006; *Tradução, Retradução e Adaptação*, Cadernos de Tradução, n. 11, 2003/1. Ed. John Milton e Marie-Helène Torres; e *Moving Target: Theatre Translation and Cultural Relocation*. Ed. Carole-Anne Upton, 2000.

ditongos nasais, como “ão”, “ãe”, e vogais fechadas “i” e “u”, os chamados sons “feios” de vogais, e colocam tensões nas vogais abertas.

Meu estudo sobre o Clube do Livro (MILTON, 2002) examinou a tradução da ficção clássica para os mercados de massa. O Clube do Livro, que operou no Brasil de 1943 a 1989, traduziu e adaptou muito da ficção clássica mundial para o português, vendeu seus números mensais muito barato por meio de agentes porta a porta e chegou a uma tiragem de 50.000 exemplares no final da década de 1950 e início da década de 1960, uma quantidade muito alta no Brasil. Podemos enumerar algumas das características das edições mensais do Clube do Livro. Encontramos uma certa homogeneização de tamanho, peso e estilo. Todos os livros tinham 160 páginas e pesavam o mesmo, a fim de manter os custos postais baixos. Trabalhos mais longos, como as traduções de *O Morro dos Ventos Uivantes* e *Moby Dick*, foram publicados em dois volumes, e outros trabalhos conseguiram se encaixar em 160 páginas com o uso de tipos menores ou cortes substanciais. Material “ofensivo” era cortado. Em *Gargântua*, referências a funções corporais (“*O belle matière fecale qui doit boursouffler en elle!*”, “Oh, bela matéria fecal que deve inchar dentro dela!”), a lista de palavras dialetais para o pênis, a sátira da igreja católica, como quando Rabelais sugere que os monges e freiras deveriam ser escolhidos entre os rapazes e moças mais bonitos, e que deveriam se casar, e em *O Professor*, a opinião desfavorável sobre os flamandeses vinda do portavoza de Charlotte Brontë, o professor Crimsworth, tudo isso se perde nas traduções do Clube do Livro. Referências políticas também são cortadas. Em *Tempos Difíceis*, de Charles Dickens, uma referência ao “despotismo esmagador” da vida fabril é cortada, e o chamado do líder sindical à unidade é consideravelmente suavizado na tradução. Elementos estilísticos também são perdidos, como os trocadilhos de Rabelais e o uso do latim na boca dos pomposos peregrinos, o uso ocasional de francês por Charlotte Brontë e seus versos usados como epígrafes também estão faltando.

Assim, podemos ver uma série de restrições que influenciarão as decisões do adaptador ou do tradutor: a) as necessidades do público-alvo em termos de idade (literatura infantil), deficiência (textos para o deficiente auditivo) e classe social (Clube do Livro). Fatores comerciais também podem influenciar. Para manter os custos de produção reduzidos, todas as traduções do Clube do Livro tinham que caber em 160 páginas. André Lefevere (1982/2000) descreve os espetáculos de *Mãe Coragem e os Seus Filhos*, de Bertolt Brecht, em Nova Iorque: a produção da Broadway de 1963 foi forçada a cortar diversas canções, porque se o tempo gasto por elas ultrapassasse 24 minutos, o espetáculo seria considerado um musical, e a produção teria sido obrigada a usar uma orquestra completa devido aos regulamentos do sindicato (LEFEVERE, 1982/2000, p. 246).

Annie Brisset (2000) descreve a politização da tradução/adaptação de *Macbeth* feita por Michel Garneau em que o uso do francês de Quebec, a repetição de “*Mon pauvre pays*”, “Meu pobre país”, e outras expressões-chave fizeram o público de Quebec estabelecer uma ligação óbvia de uma Quebec dominada pelo tirano (Canadá de língua inglesa, EUA, França e o francês parisiense, ou uma combinação desses elementos). Em *Translation in a Postcolonial Context*, Maria Tymoczko (1999) descreve a maneira pela qual o movimento da Independência Irlandesa distorceu as qualidades do mítico herói irlandês Cuchulainn. Por exemplo, os contos populares de Lady Gregory sobre Cuchulainn tiraram suas pulgas, sua fama de mulherengo e sua frequente preguiça, limpam-no e, ironicamente, tornaram-no um membro muito mais aceitável da cavalaria tennysoniana.

Como mencionei em minha discussão sobre o Clube do Livro, as restrições podem ser frequentemente de natureza sexual, escatológica, política ou “moral”.

Fatores históricos são importantes. As traduções literárias que entravam na França, nos séculos XVII e XVIII, as chamadas *belles infidèles*, tinham que respeitar as normas de “*clarté, beauté e bon goût*”, “clareza, beleza e bom gosto”. A tradução de Houdar de la Motte da *Ilíada* (LEFEVERE, 1982, p. 28-30) reduziu pela metade o número de livros, eliminou toda a crueldade sangrenta e suas recorrências, produzindo uma tradução que mais parecia uma tragédia de Racine ou Corneille.

Por fim, os pares de idiomas também podem influenciar a forma como traduzimos. A tendência de usar adaptações é muito maior quando estamos traduzindo a partir de uma língua mais distante gramaticalmente do que de uma língua mais próxima.

Podemos dizer que os Estudos da Tradução têm uma forte base teórica para fundamentar estudos práticos. Meu próprio estudo sobre o Clube do Livro (MILTON, 2002) utilizou como base teórica os conceitos dos Estudos Descritivos da Tradução. Itamar Even-Zohar (1978/2000) ressaltou o fato de que em muitas sociedades, particularmente nações menores, as obras traduzidas serão usadas para preencher diferentes áreas do sistema literário. Gideon Toury (1978/2000) desenvolve as ideias de Even-Zohar e contrasta as traduções “adequadas”, que seguem de perto a forma do original, e traduções “aceitáveis”, que usam uma linguagem domesticadora fluente, muitas vezes encobrindo o fato de que o trabalho em questão é uma tradução. Muitas sociedades demandam traduções “aceitáveis”, como as *belles infidèles*. André Lefevere (1982/2000) desenvolve os conceitos de reescrita e refração. Um trabalho clássico será refratado em muitas formas: edições comentadas para acadêmicos, traduções, simplificações, seriados, peças de teatro, videogames, canções, etc.

Estudos da Adaptação

Diferentemente dos Estudos da Tradução, que normalmente lidam com a tradução interlingual, os estudos individuais em Estudos da Adaptação geralmente lidam com versões intersemióticas e intralinguais, e só ocasionalmente analisam questões interlinguais. Isto pode ocorrer porque a maioria dos estudos contemporâneos em Estudos da Adaptação, certamente no Reino Unido, é originária dos departamentos monolíngues de Estudos Teatrais, Estudos de Cinema e Mídia, Estudos de Dança, Estudos Musicais, Estudos Culturais e Literatura Inglesa.

Um estudo comum seria uma análise da adaptação de um romance clássico para uma peça, em seguida, para um filme, um musical ou uma ópera. Por outro lado, encontramos estudos sobre romances que se apropriam de ideias de outros romances ou peças e, entre eles, encontramos um grande número de adaptações e apropriações de Shakespeare e outros “notáveis”.

Uma análise dos artigos publicados em uma revista recente nos fornecerá uma amostra representativa do trabalho contemporâneo em Estudos da Adaptação. Em *Journal of Adaptation in Film and Performance 1:1*, publicado em 2008, encontramos os seguintes artigos: i) uma análise da versão cinematográfica de Merchant/Ivory para a obra *A Taça de Ouro*, de Henry James; ii) uma descrição das reformulações em torno da novela *Lady Macbeth do Distrito de Mtsensk* (1865), de Nikolai Leskov, naturalmente baseada em *Macbeth*, de Shakespeare, que foi usada por Shostakovich em sua ópera *Lady Macbeth of Mtsensk* e, posteriormente, transformada em filme por Shapiro (1967); iii) uma proposta de tradução para *Calabar - o elogio da traição*, de Chico Buarque e Ruy Guerra; iv) uma descrição de apresentações baseadas em *A Cabana do Pai Tomás*, no século XIX; e v) uma análise de uma versão ambientada em Newcastle de *Asas do Desejo*, de Wim Wenders.

Agora, deixe-nos mencionar algumas das referências bibliográficas desses artigos. Em primeiro lugar, *Adaptation and Appropriation*, de Julie Sanders, que parece ter se tornado uma espécie de “bíblia” na área; *Remediation: Understanding New Media*, de Jay David Bolter e Richard Grusin; Raymond Williams, particularmente seu conceito de “análise histórica”; a ideia de Brian MacFarlane de que a narrativa é um aspecto compartilhado de romances e filmes; e os críticos culturais marxistas Tony Bennett e Jane Wollacott, que enfatizam os meios pelos quais a mídia é usada ideologicamente. Somente em “Translating Calabar” encontramos referências aos cânones dos Estudos da Tradução: o conceito de antropofagia de Haroldo de Campos e menções aos trabalhos de Douglas Robinson, Maria Tymoczko e Carol Maier.

Continuando esta linha de pensamento, podemos analisar as referências teóricas de *Adaptation and Appropriation*, de Julie Sanders. Na maior parte, elas vêm do pós-estruturalismo: Derrida, que menciona, “O desejo de escrever é o desejo de lançar coisas que retornam para você, tanto quanto possível, e de tantas formas quanto possível”; “O que é um Autor?”, de Foucault, que enfatiza que a função do autor é historicamente especificada e muda ao longo do tempo (“Os meios de circulação, valorização, atribuição e apropriação dos discursos variam de acordo com cada cultura e são modificados dentro de cada uma delas.”); “Morte do Autor” de Roland Barthes, que libera as práticas e opções de refazer que estão disponíveis para o leitor e adaptador; Julia Kristeva, que escreve que qualquer texto é “uma permutação de textos, uma intertextualidade”; Hillis Miller, cujo texto literário é “habitado por [...] uma longa cadeia de presenças parasitas, ecos, alusões, recepções, fantasmas de textos anteriores”; a categorização de “hipertexto” de Gérard Genette como adaptação e “hipotexto” como texto fonte.

Sanders também se refere à “Tradição e o talento individual”, de T. S. Eliot, sobre a reformulação de textos do passado; “Angústia da influência”, de Harold Bloom, em que os textos são reinterpretados e retrabalhados em novos contextos; e o conceito de adaptação das espécies de Charles Darwin.

Discussão

Em nenhum lugar em *Adaptation and Appropriation*, Julie Sanders menciona a importância da tradução em Estudos da Adaptação. De fato, em “Translating the City: A Community Theatre Version of Wim Wenders’ *Wings of Desire* in Newcastle-upon-Tyne”, de Duska Radosavljevic, podemos ver a tradução como uma espécie de aporia à medida que a importância da transferência linguística é minimizada. O autor menciona

ter considerado brevemente a contratação de um tradutor para o roteiro original, por fim, percebemos as maravilhas da tecnologia contemporânea e obtivemos a primeira versão do nosso roteiro simplesmente baixando as legendas de um DVD.” (RADOSAVLJEVIC, 2007, p. 60)

Parece-me que os Estudos da Adaptação têm sido muito dependentes de teorias vindas de fora de sua própria área específica e ainda não desenvolveram sua própria estrutura teórica. Este ponto é apoiado por Lawrence Venuti em “Adaptation, Translation, Critique” (2007), em que ele critica a falta de base teórica de muitos trabalhos sobre Adaptação Cinematográfica. Ele acredita que os conceitos de aceitabilidade e adequação de Toury podem ser usados como um meio de definir a

equivalência, particularmente no modo como eles são adaptados por Patrick Catrysse, que desenvolve a ideia de normas semióticas e pragmáticas de Toury.

Venuti, então, desenvolve o conceito mais amplo de *interpretante*. Existem dois tipos de *interpretante*: “interpretantes formais” - correspondência estrutural entre os materiais adaptados e os detalhes da trama, estilo particular do diretor ou estúdio, ou conceito de gênero que necessita de uma manipulação ou revisão dos materiais adaptados; e, em segundo lugar, “interpretantes temáticos” - códigos, valores, ideologias, que podem incluir uma interpretação dos materiais adaptados que foram formulados em outro lugar, uma moralidade ou gosto cultural compartilhado pelos cineastas e usados para atrair um público específico, ou uma posição política que reflete os interesses de um grupo social específico.

Conclusão

Venuti, então, usa a teoria dos Estudos da Tradução para fundamentar seu conceito de *interpretante* e aponta uma direção, acredito eu, que os Estudos da Tradução podem seguir: a de desempenhar um papel central nos desenvolvimentos em Estudos da Adaptação por meio da participação em publicações, conferências, cursos, sites, etc. Do editorial à primeira edição de *Adaptation in Film and Performance*, parece que os Estudos da Tradução são de fato muito bem-vindos:

Para a recém-emergente disciplina de Estudos da Adaptação, esta revista espera não apenas fornecer um fórum de discussão da prática adaptativa, como também, significativamente, novos estímulos e incentivos. Voltando-se, por exemplo, para os Estudos da Tradução enquanto campo de pesquisa estreitamente relacionado, esperamos ver o início de um relacionamento construtivo que amplie nossa compreensão do processo criativo, ideológico, político e socialmente responsável de reescrever e reformular tudo o que é adaptação (HAND e KREBS, 2007, p. 4).

REFERÊNCIAS

ARTT, S. Art of the Past: Adapting Henry James’s *The Golden Bowl*. *Journal of Adaptation in Film and Performance*, Bristol, v. 1, n. 1, p.3-4, 5-16, 2007.

BASSNET-MCGUIRE, S. *Translation Studies*. London: Methuen, 1980.

CHAPPLE, F. Adaptation as Education: A Lady Macbeth of the Mtsensk District. *Journal of Adaptation in Film and Performance*, Bristol, v. 1, n. 1, p.3-4, 5-16, 2007.

BRISSET, A. The Search for a Native Language: Translation and Cultural Identity. In: In: VENUTI, L. (ed.). *The Translation Studies Reader*. London; New York: Routledge, p. 343-375, 2000.

EVEN-ZOHAR, I. The Position of Translated Literature within the Literary Polysystem. In: In: VENUTI, L. (ed.). *The Translation Studies Reader*. London; New York: Routledge, p. 192-197, 2000.

FRANCO, E.; ARAÚJO, V. L. S. Reading Television: Checking Deaf People's Reactions to Closed Subtitling in Fortaleza, Brazil. *The Translator*, London, v. 9, n. 2, Special Issue. Screen Translation, p. 249-267, 2003.

HAND, R.; KREBS, K. 2007. Editorial. *Journal of Adaptation in Film and Performance*, Bristol, v. 1, n. 1, p.3-4, 5-16, 2007.

KAISER, A. *Óperas no Brasil: versões em Português*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Música, Universidade de São Paulo.

LATHEY, Gillian. *The Translation of Children's Literature: a Reader*. Clevedon: Multilingual Matters, 2006.

LEFEVERE, A. Mother Courage's Cucumbers: Text, system and refraction in a theory of literature. In: VENUTI, L. (ed.). *The Translation Studies Reader*. London; New York: Routledge, p. 233-249, 2000.

LEFEVERE, A. *Translation/History/Culture: a Sourcebook*. London: Routledge, 1982.

MILTON, J. *O Clube do Livro e a Tradução*. Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração (EDUSC), 2002.

MILTON, J.; TORRES, M.-H. T. (eds.). Tradução, Retradução e Adaptação, *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, n. 11/1, 2003.

O'LOUGHLIN, Jim. 2007. Uncle Tom's Cabin as Dominant Culture. *Journal of Adaptation in Film and Performance*, Bristol, v. 1, n. 1, p. 3-4, 45-56, 2007.

O'SULLIVAN, Emer. 2006. Narratology Meets Translation Studies, or The Voice of the Translator in Children's Literature. In: LATHEY, Gillian (ed.), *The Translation of Children's Literature: a Reader*. Clevedon: Multilingual Matters, p. 98-109, 2006.

RADOSAVLIJEVIC, Duska. Translating the City: A Community Theatre Version of Wim Wenders' *Wings of Desire* in Newcastle-upon-Tyne. *Journal of Adaptation in Film and Performance*, Bristol, v. 1, n. 1, p. 3-4, 57-50, 2007.

SANDERS, J. 2006. *Adaptation and Appropriation*. London: Routledge, 2006.

SENNA, P. 2007. In Praise of Treason: Translating Calabar. *Journal of Adaptation in Film and Performance*, Bristol, v. 1, n. 1, p.3-4, 5-16, 2007.

STOLT, B. 2006. How Emil Becomes Michel: On the Translation of Children's Books. In: LATHEY, Gillian (ed.) *The Translation of Children's Literature: a Reader*. Clevedon: Multilingual Matters, p. 67-83, 2006.

TOURY, G. The Nature and Role of Norms in Translation. In: VENUTI, L. (ed.). *The Translation Studies Reader*. London; New York: Routledge, p. 198-211, 1978/2000.

TYMOCZKO, M. 1999. *Translation in a Postcolonial Context*. Manchester: St. Jerome, 1999.

UPTON, C.-A. *Moving Target: Theatre Translation and Cultural Relocation*. Clevedon: Multilingual Matters, 2000.

VENUTI, L. Adaptation, Translation, Critique, *Journal of Visual Culture*, New York, p. 25-43, 2007(6).

ZATLIN, P. *Theatrical Translation and Film Adaptation: a Practitioner's Viewpoint*. Clevedon: Multilingual Matters, 2005.

Data de envio: 01-05-2019

Data de aprovação: 10-05-2019

Data de publicação: 05-10-2019